tidade, coragem, preparação com o estudo e a oração, importância da «pregação fora da pregação (nas conversas familiares e informais com as pessoas), etc.

Dentro destas preocupações de fundo insere uma oportuna e relativamente longa meditação sobre a verdade, servindo-se de importantes contributos de S. Tomás de Aquino que podem ser úteis ainda hoje: importância da verdade e sua relação com a Verdade; importância da sua busca; etc.

Um livro, enfim, que pode ser um bom instrumento para ajudar os pastores e pregadores a afinarem a sua postura em face do mundo novo em que são chamados a exercer o seu ministério.

Luís Salgado

ESPIRITUALIDADE

Martini, Carlo Maria, **Creo en la vida eterna**, San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid 2012, 160 p., 210 x 135, ISBN 978-84-285-4114-5.

Na linha da mais genuína espiritualidade inaciana, mas também apoiando-se nos seus largos e profundos conhecimentos escriturísticos, o Cardeal Martini, falecido em 31 de Agosto de 2012, desenvolvera em diversas oportunidades e publicara em vários livros um conjunto de textos sobre o mistério da morte e da vida além da morte. Sempre com o estilo vivo, pastoral e comunicativo que lhe conhecemos, deixando transparecer a sua própria experiência espiritual e garantindo a verdade que transmite com a força argumentativa do mestre que sempre foi. Giuliano Vigini coligiu neste livro, originalmente em italiano e agora traduzido para espanhol e editado pela San Pablo, dez desses textos. O título «Creo en la vida eterna» é por si mesmo elucidativo daquele estilo vivo e afirmativo, que arrasta consigo o leitor a um semelhante ato de fé, ao mesmo tempo que lhe robustece a fortaleza para a travessia do umbral da morte e lhe anima a esperança de encontrar do outro lado da vida a felicidade sem sombras no regaço do Pai.

O primeiro texto enfrenta a experiência humana comum, do medo à morte. E logo mostra como Jesus supera e ensina a superar esse medo. Conexo com este tema está o que se segue, sobre a inquietude que acompanha o existir humano, especialmente na presente sociedade secularizada e por isso «sem pais», convidando a encarar a existência como um peregrinar em direção ao Pai. Segue-se um texto de encorajamento para tantos de nós que temos dificuldade em aceitar o Deus do nosso Credo e que é o único que tem palavras de vida eterna. Vem depois a exortação à vigilância, com o convite a viver os «dias feriais» com o a alegria da festa. Segue-se a força da consolação de Jesus, sob o signo do amor que desconcerta as próprias consciências negras. Vem depois um belo texto sobre a beleza que salva, essa que é, antes de mais, a que é própria do «Pastor formosos». E depois, sobre a ressurreição de Jesus como o amanhecer de um mundo novo. E logo, na sua incidência sobre todo aquele que segue os passos do mesmo Jesus, «o assombro da manhã eterna», a responder ao desejo mais profundo do coração humano, de ser como Deus. No penúltimo texto merece especial atenção a sumária, mas muito bem conseguida, ideia sobre cada um dos outros novíssimos (além da morte): o juízo, como confronto coma verdade em plena luz; o inferno como «possibilidade trágica mas necessária, se quisermos tomar a sério a liberdade que Deus nos concedeu; o purgatório como processo necessário de

purificação, que pode todavia ser antecipado através da auto-purificação ainda neste mundo; e finalmente, o paraíso, como o estar eternamente com o Senhor. Temas que regressam no apartado final, onde são apresentadas uma série de belíssimas orações centradas em diversos aspetos da temática versada no livro.

Raul Amado

RELIGIÕES

Ries, Julien, **Les origines des religions**, Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2012, 240 p., 270 x 210, ilustrado a cores, ISBN 978-2-204-09759-8.

Do prof. Julien Ries, da escola de Mircea Eliade e hoje cardeal da Igreja Católica, fez-se apresentação, no anterior fascículo de *Theologica*, da sua trilogia: *L'«homo religiosus» et son expérience du sacré, L'homme et le sacré* e *Symbole, mythe et rite – Constantes du sacré* (cf. *Theologica* 47,1 (2012) 191-195). Nas mesmas Editions du Cerf sai agora a público esta versão francesa da edição realizada em primeira mão pela Editorial Jaca BookSpA (Milano 2012), com idêntico formato e ilustrações de luxo. Este aspeto editorial pode levar a uma apressada avaliação do livro como se um intuito meramente comercial pudesse estar por detrás desta configuração rica e profusamente ilustrada. De facto, trata-se de uma excelente edição, em formato largo, em papel couché, recheada de ilustrações a cores e com excelente e cativante disposição gráfica do próprio texto. Na realidade, porém, se isso torna o livro atraente e mesmo de leitura cativante, o caso é que não lhe retira ou diminui o valor de um livro de rigor e valor científico, escrito por esse grande especialista em história e fenomenologia das religiões, que é Julien Ries. As ilustrações são aí muito mais que formas decorativas. Elas são ilustrações e documentações do que vem exposto no texto escrito. Como explica Fiorenzo Facchini no Prefácio, ao estudar a história do sentimento religioso, desde as suas manifestações mais primitivas, J. Ries dispôs – e dispõe nesta exposição – de uma quantidade de documentação «enormemente enriquecida no espaço de um século no que se refere à atividade conceptual expressa pela tecnologia, as práticas funerárias, os pictogramas da arte parietal…», etc. O seu estudo já não se fundamenta, como se fazia há cerca de um século, a partir de diversas aproximações (evolutiva, etnológica, sociológica, fenomenológica, etc.). Baseia-se na documentação atualmente disponível nos domínios da paleontologia, da pré-história e da propto-história e sobre a sua interpretação segundo um método histórico, fenomenológico e hermenêutico.

O livro está estruturado em duas grandes partes. A primeira versa sobre «L'homme et le sacré». É uma parte mais propriamente dedicada ao sentimento religioso e às suas expressões, independentemente da situação do seu sujeito no tempo da história. Sem dúvida, com base nos dados históricos, mas sem a preocupação de apresentar a sucessão histórica da fenomenologia religiosa. O ser humano é aí dado como naturalmente religioso, pelo facto de os sinais da sua religiosidade – essencialmente simbólicos – acompanharem a sua presença no mundo desde os tempos mais remotos a que já foi possível recuar no encontro desses mesmos sinais, e que são identificados com os tempos do Neolítico. Por outras palavras, «o homem é *homo religiosus* porque é *homo symbolicus* desde a sua aparição». Daí que J. Ries dedique a